

Posição da Renamo não é aceitável

N. 16/8/91

— escreve o diário queniano «Nation» na sua edição de ontem

A posição da Renamo não é aceitável, ao recusar-se a reconhecer a legitimidade do Governo moçambicano e suas instituições, optando por recorrer a manobras dilatórias para ganhar tempo, escreveu ontem num comentário a duas colunas o diário queniano «Nation», que se publica em Nairobi, ao comentar a posição assumida pela Renamo na última ronda negocial em Roma.

O mesmo jornal, conhecido pelas suas posições próximas do Governo, escreve que: no início das negociações de paz em meados de 1990, a Renamo tinha acordado em reconhecer a legitimidade do Estado moçambicano como um gesto recíproco em relação à boa vontade do Governo em satisfazer a reivindicação da Renamo de ser

reconhecida como um partido da oposição. Mas este reconhecimento — escreve o matutino queniano — não parecer ter sido concretizado pelo facto de a Renamo não aceitar submeter-se ao Governo moçambicano e às suas instituições.

— Se se deve acreditar no Presidente Joaquim Chissano, então a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO) não está a ser sincera na sua boa vontade em pôr fim à guerra que já devastou totalmente aquele país martirizado com 15 milhões de pessoas. Por isso, não existe motivo para desacreditar o Presidente Chissano, que ao longo de todo o ano passado emergiu como sendo um dos mais honestos e progressistas pensadores de África — sublinha no seu comentário o diário queniano «Nation».

O comentário daquele matutino faz referência ao discurso proferido pelo Presidente Chissano na sessão de abertura do VI Congresso, nomeadamente à passagem em que Chissano afirma que as negociações para a paz em Moçambique, nas quais o Presidente Moitim estado envolvido, fracassaram devido ao facto de a Renamo não reconhecer a independência de Moçambique.

— É incrível que a Renamo esteja agora a usar de forma mais transparente falsos pretextos para minar um progresso genuíno com vista a alcançar-se a paz. Obviamente, a Renamo é um movimento que não está preparado nem deseja ver a paz restaurada em Moçambique. A sua acção está a causar longo adiantamento no processo da paz cujo custo, infelizmente, tem de ser suportado pelo já desgastado

país — diz ainda o jornal queniano.

Num outro trecho do seu comentário, o «Nation» comenta as posições da Renamo acerca do registo oficial dos partidos emergentes no país. Assim, o «Nation» diz que é trivial argumentar que o processo de registo dos novos partidos possa ser manipulado em desvantagem dos partidos que pretendem legalizar-se. Não é a mesma coisa que votar numa situação em que o partido no poder possa apetrechar-se sozinho para se reinstalar no poder. Contrapondo esta posição da Renamo, o comentário do «Nation» cita o Presidente Chissano ao afirmar que a Renamo tem insistido que o processo de registo dos novos partidos no país deve ser supervisionado pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. «Mas a posição do Governo», adianta o matutino queniano — é de que a lei dos partidos políticos e demais instituições do país são capazes de realizar este trabalho com a necessária competência e eficácia. A posição do Presidente Chissano face ao preverso equívoco é honrável — remata o comentário do jornal queniano na sua edição de ontem.

De acordo com o mesmo jornal, outros factos minam a insustentável posição da Renamo. Moçambique acordou em introduzir o sistema multipartidário. Uma vez decidido, esta não parece uma posição que possa ser facilmente alterada. Além disso, o Presidente Chissano tem sido muito consistente nas suas declarações sobre a reconciliação nacional e sobre as reformas políticas. A Renamo ainda não surgiu sequer com nenhum rascunho do tipo de alternativa que ofereceria a Moçambique quando subisse ao poder.

O «Nation» diz ainda que Moçambique precisa desesperadamente da paz para sarar muitas feridas infligidas por uma guerra selvagem. Necessita da paz para reactivar a sua economia destruída.